

Comunicação Comunitária na igreja: um debate por dentro da catequese

Communitary Communication in the church: a discussion inside of catechesis

Comunicación Comunitária en la iglesia: un debate dentro de la catequesis

Otávio Cezarini Ávila¹
Luzia M. Yamashita Deliberador²

Resumo

O artigo é fruto de uma pesquisa realizada no trabalho catequético de uma paróquia na cidade de Londrina/PR, que contém em sua metodologia a observação das “aulas”, entrevistas com catequistas e um grupo focal com catequizandos do último período catequético. A construção teórica está baseada na comunicação comunitária e suas influências através dos estudos latino-americanos em comunicação, ressaltando, contudo, valores de pertencimento, cidadania e engajamento social. A pesquisa busca responder se a catequese prepara o adolescente para ser cidadão na sociedade contemporânea a partir da experiência vivenciada e busca trazer algumas pistas para a formulação de uma catequese comunicativa e comunitária.

Palavras-chave: Comunicação. Comunidade. Catequese.

Abstract

The article is the result of a survey realized in a catechetical work of a parish in the city of Londrina/PR, which contains in it methodology the observation of the “lessons”, interviews with the catechists and focal groups with the catechized of the last catechetical period. The theoretical construct is based on community communication and their influence through the Latin American studies in communication, noting, however, membership values, citizenship and social engagement. The research seeks to answer the catechesis prepares the teenager to be a citizen in contemporary society from the lived experience and seeks to bring some clues for the formulation of a communicative catechesis and community.

Keywords: Communication. Community. Catechesis.

Resúmen

Este artículo resulta de una investigación realizada en la acción catequética de una parroquia en la ciudad de Londrina/PR, que contiene en su metodología la observación de las “clases”, encuestas con los catequistas y un grupo focal con alumnos del último año catequético. La construcción teórica se basa en la comunicación comunitaria e sus influencias a través de los estudios

Acesse este artigo online	
QR CODE: 	Website: http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci
	DOI: http://dx.doi.org/10.5216/ci.v19i2.36854

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Comunicação Comunitária e graduado em Relações Públicas, ambas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Brasil, Paraná, Curitiba. E-mail: ota_cez@hotmail.com.

² Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), professora titular das Faculdades Maringá, coordenadora do curso de especialização da Faculdade Cidade Verde (FCV) e professora colaboradora da especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Brasil, Paraná, Londrina. E-mail: adeli@sercomtel.com.br

latinoamericanos en comunicación, teniendo en cuenta, sin embargo, valores de pertenencia, ciudadanía y compromiso social. La investigación intenta responder si la catequesis prepara lo adolescente para la ciudadanía en la sociedad contemporánea a partir de la experiencia vivida e intenta traer algunas sugerencias para la formulación de una catequesis comunicativa y comunitaria.

Palabras clave: Comunicación. Comunidad. Catequesis.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de observação e entrevistas, que acompanhou durante cinco meses um trabalho catequético de uma paróquia na cidade de Londrina/PR. Este trabalho se integra às diversas pesquisas que o departamento de comunicação da Universidade Estadual de Londrina tem realizado no âmbito da comunicação popular e comunitária, como instrumento e estratégia política, social e educativa da comunicação.

A catequese, discutida com mais profundidade em um dos capítulos deste artigo, foi escolhida como objeto da pesquisa por ser um ambiente educativo privilegiado dentro da Igreja Católica, instituição que se divide em diversas organizações, comissões, pastorais e movimentos pelo mundo e representa uma das principais forças simbólicas na sociedade.

Neste sentido, o artigo começa por uma busca na relação entre o catolicismo e as discussões sobre comunicação na Igreja e que avança para estratégias que interferem nas formas de religiosidade dos seus fiéis. Traçando este panorama, a partir de documentos e contribuições teóricas, o artigo passa pelos estudos latino-americanos de comunicação, que sinalizam os principais critérios de utilização da comunicação comunitária e a possibilidade do espaço catequético em conferir uma identidade comunitária-

Por fim, é importante ressaltar a metodologia que incidiu sobre essa pesquisa na catequese. Esta, contém em sua estrutura cinco (5) períodos (que correspondem a 5 anos, na linguagem catequética) de aprendizado e abrange crianças e adolescentes de 8 a 14 anos, aproximadamente. A observação incidiu sobre uma turma de cada um dos períodos, havendo a necessidade de se aprofundar no 5º período, que antecede à Crisma, especialmente para a realização do grupo focal. Além da observação de cada um dos períodos e do grupo focal, houve entrevistas com todas as catequistas que participaram da observação, assim como a coordenadora da catequese. Buscando responder três perguntas norteadoras, o objetivo da pesquisa era compreender se a catequese consegue preparar atualmente seu catequizando ou educando para uma cidadania na sociedade atual, dentro, é claro, dos limites de um estudo de

caso. Alguns encaminhamentos são feitos nas conclusões e incidem sobre pistas para uma catequese comunicativa e comunitária.

2 A TRAJETÓRIA DA IGREJA CATÓLICA PELA COMUNICAÇÃO

A comunicação é uma área que vem se modificando há anos e a Igreja Católica (ICAR) tem buscado acompanhar essas transformações. A Igreja, como instituição social secular, mantém em si uma tradição a qual ordena seu modo de ser e de se portar frente aos desafios da sociedade. Para iniciar uma compreensão deste traçado, Gomes (2002) destaca três momentos da ICAR em sua preocupação pastoral no campo das comunicações. Em um primeiro momento, nos finais do século XIX, privilegiava-se o “saber”, em um segundo o “fazer” e por terceiro, um momento de “pensar”. De modo breve, atemo-nos a esses três momentos.

O primeiro momento buscou conhecer o que diziam os meios de comunicação e o que isso afetava a moral cristã, cuja preocupação estava vinculada ao impacto que a ICAR vivenciou no campo da educação. Com a Revolução Industrial, o positivismo e o crescimento do capitalismo contribuíram para a decadência dos poderes clericais, para a ascensão da classe burguesa, culminando a um avanço ao racionalismo que fugia ao teocentrismo. Esta mentalidade de que os avanços decorrentes da Revolução Industrial se confrontavam com a autoridade cristã culminou (trocaria pq vc já usou o verbo há duas linhas) em uma crítica nas primeiras considerações da Igreja Católica sobre os meios de comunicação.

Primeiro documento a discutir o tema, a Encíclica *Miranda Prorsus* (1957) abarcou a televisão, o cinema e o rádio. A proposta do então Papa Pio XII era, por meio de uma moral católica, ter o controle sob os meios de comunicação, utilizando-se de organismos nacionais para a classificação dos espetáculos cinematográficos. (SOARES, 1988).

O Concílio Vaticano II³, convocado pelo Papa João XXIII em 1961 e terminado cinco anos depois, já sobre o papado de Paulo VI, buscou um novo estilo de pensar o catolicismo, adaptando a disciplina às condições do tempo. Neste sentido de renovação, a Igreja caminhou alertando sobre o perigo da homogeneização cultural promovida pelos meios de comunicação de massa e contribuindo também com as primeiras pistas de uma formação crítica frente à mídia. Desse modo, a ICAR não optou por uma “fuga” e crítica aos media, pelo contrário,

³ O Concílio Vaticano II foi um importante evento da Igreja Católica do século XX que reuniu todo o claro para discutir novas diretrizes de evangelização e uma renovação no modo de ser Igreja.

passou a perceber e aproveitou sua capacidade benéfica para promover sua evangelização em um momento em que tais tecnologias já haviam se consolidado na formação da sociedade.

Esta segunda etapa pode ser compreendida pelo “fazer”, cujo momento faz sobressair um entusiasmo pelos veículos de comunicação. O decreto *Inter Mirifica* (1963) foi o segundo dos dezesseis documentos do Concílio Vaticano II e assinala, pela primeira vez, que um concílio geral se voltasse para a questão da comunicação. Tal documento demonstrou uma tentativa de oferecer possibilidades ao receptor para escolher seus caminhos de reflexão, embora houvesse um direcionamento à análise dos conteúdos midiáticos com base em uma “lei moral” (SOARES, 1988). Se antes a intenção era criar um espectador obediente e crítico a favor da ICAR, neste momento do “fazer”, o cristão é chamado a promover a “reta consciência”:

(...) ao recomendar a formação de ‘retas opiniões públicas’, atribui valor moral a uma realidade social dada, entendendo ser dever do cristão contribuir para controlá-la, dirigi-la ou ao menos influenciá-la, a partir, naturalmente, dos pressupostos da religião (...) A formação da reta consciência, substituiu a cega obediência exigida nos documentos do passado. (SOARES, 1988, p.107).

Embora as considerações sobre a comunicação estivessem se livrando do moralismo como ponto único, ainda assim é importante ressaltar que a visão instrumentalista não havia sido substituída por um acento mais crítico às formas de apropriação dos meios de comunicação e a uma reflexão “ingênua do desenvolvimentismo”, como afirma Soares (1988). Para ele, torna-se otimista acreditar que a simples troca de informações faça com que os homens adquiram uma vivência comunitária.

Se a primeira e a segunda etapa da comunicação social na Igreja passou pelo saber e fazer, necessitava um momento para o “pensar” a comunicação. Segundo Gomes (2002, p.128), “a conversão dos meios somente acontecerá com a conversão dos processos”. Assim, a comunicação passa a ser vista como um fenômeno que envolve pessoas e sociedade. A Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM) surge com a crítica, não somente ao conteúdo, mas também ao processo, ao mesmo tempo em que afirma que a comunicação pode separar o homem do seu meio, culminando em uma despersonalização, ou seja, a perda de identidade. (GOMES, 2002).

Esta linha crítica não poupou os monopólios comunicacionais realizados pelo governo e empresas. A ideia da manutenção ideológica e *status quo* foi alvo de duras críticas da Igreja latino-americana neste período. Com estes traços reflexivos, a prática católica, de modo muito mais evidente na ala progressista latina, ganha foco na comunicação das bases, mas sem deixar

o macro-organismo de lado, na busca de transformações sociais, inspiradas pela Teologia da Libertação. (GOMES, 2002).

Antes ainda do Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960, o CELAM realizou a partir de 1955 diversos encontros buscando compreender a relação dos meios de comunicação com a América Latina. Além das Conferências do CELAM de Medellín e Puebla, no Brasil a comunicação ganhou destaque, em especial pela contribuição da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC) e a organização do Setor de Comunicação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Se alguns documentos do CELAM, por exemplo, apontaram para esta perspectiva questionadora, o Novo Catecismo da Igreja Católica, da segunda metade do século XX, por exemplo, volta à ética individual do comunicador cristão e das responsabilidades que esse tem, analisando os meios de comunicação como instrumentos.

3 UM LEVANTAMENTO COMUNICACIONAL PEDAGÓGICO

A comunicação está totalmente vinculada ao que chamamos na contemporaneidade de era da informação. Esse momento da história, tão assertivo com a expressão “globalização”, tem criado uma noção de que a tecnologia empregada é um caminho sem volta e que a amplitude do mundo tenha se tornado um horizonte já não mais distante.

A noção de local é menos relevante quando as principais notícias da programação estão voltadas a fatos nacionais ou internacionais, que conferem uma noção de conhecimento mais ampla. A informação, nesta forma mais “democratizada”, permite, em diversos locais do globo, comentarmos sobre os últimos confrontos mundiais em tempo quase real. Mas há sensibilidade do público para todos estes acontecimentos como poderia haver em uma ocorrência tangível a nós?

Baccega (2005) ressalta que a mídia funciona como educadora, que edita e constrói o mundo, reconfigurando-o e dando a ele novo significado. A autora também afirma que a cultura da mídia não está simplesmente no emissor e/ou receptor como um simples fato psicológico, mas sim no território criado entre ambos os sujeitos, permitindo a criação de significados. A partir deste cenário midiático, a comunicação comunitária e a mídia-educação são abordadas neste trabalho como teorias correlatas e importantes para a construção da cidadania dentro da ICAR, junto a valores como o de pertencimento e participação.

3.1 A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Neste cenário de globalização permeado pelo avanço das tecnologias em comunicação, a comunicação comunitária apresenta-se como contrapartida, a fim de assegurar alguns valores que podem ser dispersos pelo emaranhado social, cujo enfoque é dado a partir da valorização da comunidade e do viés educativo. De toda forma, a pesquisa entende comunicação comunitária como:

(...) processo de produção de experiências comunicativas, portanto uma prática social, desenvolvido no âmbito de uma comunidade com vistas à conquista da cidadania, através de práticas participativas, e possibilitando aos indivíduos interagentes o resgate da sociabilidade perdida (...) essa modalidade de prática comunicativa participa de maneira significativa no processo de disputa pela hegemonia no campo da comunicação. (MIANI, 2006, p.7).

Para que a comunicação comunitária possa ser demarcada, o termo “comunidade” também se torna fundamental. Sobretudo quando se fala em igreja, tal termo se torna estritamente ligado – o termo “eclesial” advém de *ecclesia*, que significa “assembleia” no grego.

O que seria uma vida comunitária na atualidade? A primeira resposta assemelha-se a uma justificativa – aquela centrada na perspectiva de que, a partir da vida comunitária, tem-se a possibilidade da experimentação dos laços e vínculos entre os seres humanos, entre seres humanos e território, entre seres humanos e sua história, entre seres humanos e sua natureza, entre seres humanos e o cosmo. (PAIVA, 2007, p.136).

Paiva (2007) argumenta a questão do comunitarismo como uma contraposição ao pensamento liberal. Para ela, há uma importância em ver os significados que vinculam os homens a determinada coisa ou pessoa, ainda que esta vinculação venha através da espacialidade. É importante evidenciar que a posição de conferir valor às relações sociais, religiosas, familiares e nacionais quer pressupor que, a partir desta valorização, que mexe com o imaginário e dá significados verdadeiros ao indivíduo, o homem pode se ligar ao outros de forma a sustentar esta relação. É só a partir da relação de vinculação profunda que a necessidade de comunidade toma corpo e pode se realizar.

3.2 O PAPEL EDUCATIVO DA COMUNICAÇÃO: COMUNICANDO EM COMUNIDADE

Se considerarmos que os meios de comunicação são agentes influenciadores na constituição de comportamento social, nessa relação de influência com os aspectos culturais

não se pode deixar de aprimorar a leitura crítica da mídia. Percebendo que as mensagens midiáticas são enviadas como um recorte da realidade, a primeira atitude dos agentes do processo comunicativo – neste caso, catequistas e catequizandos – é a ressignificação da mensagem apresentada. (GUARESCHI; BIZ, 2005).

Esta readequação pressupõe uma virada educativa. Mônica Fantin (2006, p.29), utilizando-se da lógica freireana diz: “não existe educação sem comunicação”, sendo que “as profundas transformações das ciências humanas são na eliminação de fronteiras (FANTIN 2006, p.29). Desta forma, pretende-se eliminar as fronteiras que separam comunicação e educação em um processo de compreensão do ato comunicacional, o qual vai ser chamado de mídia-educação. Na compreensão da interferência entre a área da comunicação e educação, a busca por uma cidadania ativa é pressuposto do trabalho. Como diz Fantin (2006, p.31): “Educar para as mídias é condição de educação para a cidadania (...) instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais”. A mídia-educação, sobretudo, é uma forma política de relação social, pois consiste em uma proposta que desloca o indivíduo ao papel de cidadão e produtor de novos discursos, ampliando os significados reproduzidos pelos grandes veículos midiáticos.

Neste sentido, Freire (1996 apud MEDITISCH, 2002) ajuda a redimensionar o valor do indivíduo, considerando-o indissociável de sua matriz histórica seu modo de ver o mundo e problematizando-o a sua maneira, com seus recursos e sua ética. Levando em conta a pedagogia freireana, compreende-se também que o ser humano é inacabado e somos programados para aprender ao mesmo tempo em que todo conhecimento está vinculado à história de cada um. (MEDITISCH, 2002).

Aqui, a concepção de comunicação comunitária leva em conta que ela busca uma sociabilidade perdida e, com isso, essa modalidade de comunicação luta pela disputa da hegemonia. Já a mídia-educação consiste em uma prática associada à comunicação comunitária no sentido de pensar e fazer a comunicação em conjunto, mas dá ênfase na leitura crítica da mídia, percebendo esta como expressão política da classe hegemônica. Do mesmo modo, utilizar a mídia como mediadora é um artefato da mídia-educação na contribuição para a cidadania do indivíduo.

4 CATEQUESE COMO LOCAL FORMATIVO NA IGREJA CATÓLICA

A catequese pode ser definida pela ICAR a partir do que diz João Paulo II: “Aquilo que é o conjunto de esforços na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus”. Essa definição apresentada na Exortação Apostólica “Catechesi Tradendae”, pelo Papa João Paulo II, que liderou a instituição por mais de vinte anos na segunda metade do século XX, demonstra a principal força empreendida no trabalho catequético, que é por a pessoa em comunhão e em intimidade com Jesus – figura central do catolicismo –, segundo o próprio documento do referido Papa.

A catequese é o primeiro contato extrafamiliar que a pessoa tem com os ensinamentos da ICAR e, por isso, a Igreja a tem como prioridade entre suas demais atividades. Segundo Karol Wojtyła – Papa João Paulo II – deve existir uma responsabilidade mútua de toda a Igreja, inclusive dos meios de comunicação, na formação da consciência da fé (JOÃO PAULO II, 1980). Além da catequese, entende-se, pela análise do documento, que a Igreja busca intensamente o novo fiel mesmo em locais extrarreligiosos, que deverá contribuir na catequização de outros e assim por diante.

Percebe-se que a proposta da catequese se organiza de maneira bastante sistemática e próxima a uma organização escolar. O próprio Papa João Paulo II (1980) faz uma crítica à “repetição e improvisação inconsiderada” e sai em defesa da não oposição entre uma catequese a partir da vida e uma catequese doutrinal, tradicional e sistemática. Mas, ao mesmo tempo em que busca o afastamento de ideologias no processo de ensino-aprendizagem da catequese e opiniões pessoais dos formadores, defende um pensamento organizadamente unificado, baseado em uma doutrina estabelecida.

Se a dimensão missionária é fortemente ressaltada pelos documentos catequéticos, é nos primeiros anos de século XXI que o termo ganha força nos ideários católicos de evangelização. Especialmente na América Latina, a partir da Conferência Episcopal Latino-americana e Caribenha organizada pelo CELAM, em 2005, os bispos e padres chegaram ao que cristão-católicos são chamados a ser: discípulos missionários. Quanto ao termo, é importante fazer uma distinção, explicitada por Paulo Freire (1978):

Missionária, no pior sentido da palavra; ‘conquistadora’ de almas, necrófila. Vem daí o seu prazer masoquista de falar de tantos pecados (...). A mordacidade dicotomizada da Transcendabilidade é como uma lixeira onde os seres humanos têm que pagar os seus pecados. (FREIRE, 1978, p.29).

A clara defesa que Freire (1978) faz da Teologia da Libertação em sua obra “Os cristãos e a libertação dos oprimidos” se opõe ao modelo da Igreja Católica oficial, enraizada no modelo europeu e tradicionalista. E é esta perspectiva missionária do jovem que a catequese tem como ponto alto para que possa manter a Igreja atuante, visto que os ensinamentos da catequese têm um alcance maior no público infantil e adolescente.

Especialmente ao jovem, algumas palavras de forte impacto são ditas como justiça, caridade, paz e libertação. No entanto, lembra-se que tais coisas devem ser vivenciadas segundo a lógica apresentada pela Igreja, por meio de seus recentes documentos. Em muitas situações, por exemplo, o termo “libertação” é atribuído a situações voltadas a amarras individuais e morais. A visão de amplitude ainda é fortalecida na necessidade de acultramento da catequese, mas ao mesmo tempo em que fala da amplitude, João Paulo II (1980 p.68) sempre retoma ao seu chão, recordando do perigo de não “comunicar de forma integral a Revelação”.

Neste sentido, a pesquisa tem clara que a principal noção de engajamento trazido pela catequese diz respeito ao engajamento na fé, que poderá ou não coadunar a um engajamento social. Considerando esta natureza da catequese, alinhada a uma doutrinação cristã clara e institucionalizada na sociedade, a pesquisa assume esta crítica, mas busca se ocupar das construções de cidadania possíveis neste universo dogmático, a partir da ação conjunta entre os educadores (catequistas) e os educandos (catequizandos).

5 METODOLOGIA

Foram algumas metodologias que nortearam o presente trabalho. Pesquisa bibliográfica, observação não participante e grupo focal. As duas últimas serviram para o acompanhamento nas aulas de catequese e a posterior obtenção de dados com os adolescentes que participavam na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, de Londrina/PR.

A pesquisa bibliográfica também foi utilizada para recorrer aos termos próprios da comunicação e da ICAR. Documentos e reflexões sobre os documentos sob a ótica comunicacional foram examinados e referenciados adiante na explanação.

Já entrando no campo de análise, a autonomia que salienta Peruzzo (2010) foi resguardada e sem qualquer tipo de interferência dos indivíduos do campo de pesquisa. Do mesmo modo, o papel do pesquisador foi tratado abertamente entre catequistas, coordenadores e catequizandos. Da parte do pároco não houve qualquer interferência, apenas o pedido de que

se abrissem as portas para a pesquisa, situação que ficou “aos cuidados” da coordenadora de catequese.

O grupo focal, como metodologia, também compreende a dinâmica qualitativa de pesquisa, em que se privilegia o contato pessoal dos entrevistados a partir da vivência de cada indivíduo acerca do tema em questão e da neutralidade dos pesquisadores, buscando com isso maior compreensão sem interferência, nem generalizações.

Utilizado em um único momento, o grupo focal foi importante para o contato direto entre os adolescentes e o pesquisador, abdicando da figura da catequista, pároco ou coordenadora paroquial e foi aplicado semanas depois do último acompanhamento da catequese. O grupo focal foi realizado com o 5º período, no horário “letivo” da catequese. Na ocasião, a catequista foi consultada via telefone e permitiu que a aula estivesse sob a responsabilidade do pesquisador, sendo que, mesmo assim, a catequista foi à Paróquia para comunicar o procedimento metodológico aos adolescentes.

6 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

A análise parte de algumas perguntas a serem respondidas referentes ao problema da pesquisa, que questiona se as práticas de ensino da catequese preparam os adolescentes como cidadãos para hoje e para o futuro. A intenção é comparar a pesquisa bibliográfica com as metodologias de observação não participante e do grupo focal, realizadas nas aulas de catequese e com os alunos do 5º período, respectivamente.

6.1 A CATEQUESE PREPARA OS ADOLESCENTES PARA A SUA REALIDADE?

Sobre a realidade, sendo seu sentido muito amplo, considera-se a sociedade da informação e do consumo como principal referência ao termo. Sobre a realidade dos catequizandos, a pesquisa também informou que os adolescentes estão inseridos na escola, a maioria provém de família cristã e de classe média. Tais constatações aconteceram nos próprios acompanhamentos das aulas de catequese, onde pouco se fala sobre a realidade das crianças e adolescentes. Seja por uma omissão do principal material didático, seja na própria maneira das catequistas mediar a aula na busca pela autonomia e voz ao educando o que se percebeu na maioria dos casos é uma secundarização da realidade a qual vivem os indivíduos.

É importante notar que, pelo fato das aulas acompanhadas dos primeiros anos de catequese terem sido justamente aulas iniciais, havia pouca intimidade entre educandos e educadora, devido ao primeiro contato entre as partes. O que de fato não se pode negar é a necessidade de um discurso mais próximo à realidade das crianças por parte da catequista. Enquanto trabalho de comunicação na linha comunitária e percebendo o pouco uso dos meios de comunicação, a linguagem, a maneira de se utilizar a voz e a capacidade de se trocar informações passaram a ser referenciais para a pesquisa. E o que se notou foi uma dificuldade, especialmente quando a diferença de idade aumentava. No entanto, quando utilizados recursos visuais e atividade em grupo, o que se notou foi uma maior participação dos catequizandos, configurando uma maior comunicabilidade da catequese.

Outro dado a se levantar é justamente esta relação entre linguagem e crítica. O que a observação constatou é que quanto mais as catequistas eram abertas ao diálogo em seu método pedagógico, mais se tratava da realidade social a qual estão inseridos os jovens. Tal atitude pode contribuir para uma minimização da cultura do silêncio, conforme assume Paulo Freire (1978) à ação pastoral na Igreja Católica:

Acantonados na cultura do silêncio, onde a única voz que se ouve é a das classes dominantes, encontram nesta Igreja uma espécie de ‘útero’ onde se ‘defendem’ da agressividade da sociedade. Por outro lado, na medida em que depreciam o mundo como o mundo do pecado, do vício, da impureza, em certo sentido ‘vingam-se’ dos seus opressores que são do ‘donos’ (sic) desse mundo. (FREIRE, 1978, p. 29-30).

Além do campo dos discursos, falar em preparação para a realidade de jovens e omitir as novas tecnologias comunicacionais seria uma falha da pesquisa. Celulares, redes sociais, vídeos e até mesmo veículos convencionais como jornais, cartazes e revistas podem ser instrumentos fundamentais para o trabalho de catequese, mas pouco utilizados pelo grupo de catequistas, seja por uma dificuldade de tempo, habilidade ou mesmo falta de recursos da paróquia, conforme foi ressaltado na última pergunta das entrevistas.

Das dez aulas de acompanhamento, três utilizaram algum tipo de mídia: história em quadrinhos, com um sentido didático para se compreender a passagem bíblica da Missa dominical que antecedeu a catequese; recortes de revistas e jornais – apenas a imagem – para que os catequizandos as analisassem sobre quais faziam parte do “Reino de Deus” ou não; e um texto e imagens em uma aula com a intenção de trabalhar com a oração e os sacramentos da fé católica.

Os recursos midiáticos utilizados apresentaram-se longe da sua potencialidade frente ao adolescente. Em tempos em que os celulares se tornaram parte integrante de um adolescente de 12 anos, abdicá-los das aulas se mostrou uma incongruência. A interatividade vivenciada por eles nem sempre tem um espaço para a criticidade. Seja no campo escolar, onde os compromissos com a grade curricular aprisionam a docência, seja em casa pela falta de tempo e conhecimento dos pais sobre as tecnologias, a catequese se mostra como um interessante local formativo de uso dos meios de comunicação, sobretudo pelas possibilidades de organização de informações que são impulsionadas pelo acesso contínuo às mídias.

Apenas em alguns momentos se notou esta disposição, curiosamente quando se buscavam novos recursos visuais para fins didáticos. No entanto, não cabe ao catequista toda esta tarefa. Os livros e toda a vida da igreja devem estar voltados para um olhar mais próximo da sua realidade social, política e, em especial na catequese, à realidade das crianças e adolescentes.

6.2 OS CATEQUISTAS CONSEGUEM CONSTRUIR OS PRINCÍPIOS CRISTÃOS PARA OS ADOLESCENTES ENQUANTO CATEQUIZANDOS E CIDADÃOS?

Esta questão pode ser considerada bastante subjetiva pelos conceitos trabalhados. Aqui, se faz necessária uma concepção teológica de valores. No universo católico, há três virtudes principais que servirão para aludir ao termo “princípios cristãos”: a fé, a esperança e a caridade. A pergunta, no entanto, busca analisar o trabalho feito pelas catequistas, tanto o conteúdo que passam até a maneira como lidam com o processo educativo.

Aspecto relevante da compreensão de comunicação entre catequistas e adolescentes é a ressignificação. Como agentes do conhecimento, é importante que o educador – no caso a catequista – faça um exercício constante de reinterpretação dos materiais adquiridos ou entregues pela Arquidiocese. O tamanho da turma, a idade, a localidade onde vivem, sua história pessoal de vida devem ser levadas em conta para o processo de aprendizagem. Muitas vezes notou-se que o livro didático funciona como um guia da aula, mas que dificilmente se abre ao universo dos catequizandos. Esta necessidade de uma maior sensibilidade aos termos mais recorrentes era comprovada pelas conversas de corredor ou o “buchicho” entre os colegas, encerrado, algumas vezes, com um pedido de silêncio para que a aula volte a sua rotina. Então,

primeiramente, construir os princípios cristãos necessita uma apropriação prática de valores que muitas vezes se apresentam do outro lado da carteira.

Ao passo que há uma dificuldade na ressignificação, algumas práticas analisadas cumpriram com seu papel. Em uma das entrevistas a catequista disse não ter o livro como maior referência, mas sim a utilização da Bíblia (como conjunto de valores). No acompanhamento, pode-se perceber que o contexto bíblico estava ressignificado ao contexto atual dos adolescentes.

Quanto ao quesito “construir os princípios cristãos”, abrangidos por valores como fé, esperança e caridade, a observação mostrou que o encontro com o sagrado se dava de forma pessoal. Durante o trabalho com os alunos, foi notado que as expressões repercutiram positivamente quando um dos adolescentes citou um retiro realizado com eles. Mesmo imaturos, o simples ato de sair da sala (as salas de catequese são como salas de aula, com cadeiras de escrever e quadro de giz) ficou registrado na memória.

Este item pode ser mais relacionado com o valor da fé do que com o hábito da missa dominical, por exemplo. O evento do fim de semana é constantemente cobrado pelos catequistas e nem sempre seguido pelos catequizandos. Outro fato interessante que apareceu na pesquisa está relacionado à esperança em uma catequese melhor. Quando perguntados se seriam catequistas no futuro, sete dos nove adolescentes responderam que sim. Entre figuras de catequistas inspiradoras e outras nem tanto, o pedido de muitos deles foi por uma jovialidade maior no quadro catequético da Paróquia e eles poderiam estar inclusos nisso, segundo o levantamento.

Quanto ao valor da caridade, a observação de campo e a pesquisa de grupo focal não conseguiram identificar situações que relacionassem a prática da caridade ao trabalho catequético. De uma predominância da educação moral e hábito da oração para os menores, o mais próximo do cultivo da caridade foi com os anos mais avançados no sentido de perceber as coisas do mundo e se preparar para elas. No entanto, não se percebeu uma conotação de interferência e apropriação das problemáticas da sociedade.

A pesquisa não relatou a relação dos adolescentes com sua comunidade, seja local ou de vínculos aprofundados, levando em conta o contexto em que Paiva (2007) situa a questão comunitária. Quanto à questão espacial, por exemplo, não se falou de questões da cidadania, como o cuidado à dengue ou de violência, mesmo sabido que Londrina apresentou altos índices nestes dois fatores no ano da pesquisa. Na questão de vínculos, os meios de comunicação e as

personalidades produzidas por eles influenciam os adolescentes. Séries de TV americanas e jogos de videogame poderiam ser trabalhados na catequese para se chegar a valores coletivos do grupo.

6.3 A IGREJA CATÓLICA PREPARA O CATEQUISTA PARA ESTAS RESPONSABILIDADES?

Se na decorrente análise são mostradas mais dificuldades no trabalho catequético do que a boa performance que poderia ter educadores e educandos no processo educativo, não se pode culpar apenas a pessoa que, voluntariamente, entrega seu tempo para ensinar o cristianismo ao outro. Como exemplo, o próprio espaço da catequese, em boa parte das paróquias, tem formato de sala de aula, aludindo muitas vezes o catequista se fazer professor e seu intenso dever de passar conteúdos.

Além disso, nesta nova forma seria importante a participação do jovem também como educador. No entanto, a dificuldade de se implantar uma catequese renovada como é dito encontra a barreira da própria Igreja-instituição que, da mesma forma, tem dificuldades de achar o caminho até o mundo moderno. Sendo assim, os jovens vão para os grupos juvenis das paróquias e movimentos, onde existem uma independência maior e uma centralidade dada à figura do jovem, ao passo que a catequese está institucionalizada – dificilmente se encontra uma Paróquia sem catequese. Esta é parte integrante do ser da Igreja.

Com estas demandas do novo milênio apresentadas neste tópico, percebe-se que a Igreja não prepara o catequista para as suas responsabilidades da melhor forma. Ainda assim, é importante ressaltar a estrutura que a Igreja disponibiliza para o trabalho catequético. Seguramente, sendo a catequese uma força indispensável para o arrebanhamento de fieis e por isso sua estruturação na vida paroquial, é importante ressaltar que na paróquia pesquisada o acompanhamento da coordenação da catequese foi constante. Além disso, há boa estrutura que facilita o acesso e conforto dos catequizandos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto e analisado, o encaminhamento do artigo pretende trazer um contributo à organização catequética na Igreja Católica, sobretudo para a realidade tomada em

contato. No entanto, faz-se necessário pontuar que a contribuição não pretende assumir o campo pastoral e teológico, mas sim dar um aporte comunicacional, percebendo as possibilidades e necessidades levantadas nos estudos de mídia-educação e comunicação comunitária. Compreendendo a existência da relação entre igreja-catequista-catequizando, as perguntas respondidas anteriormente para a redação da análise direcionam alguns caminhos para uma catequese comunicativa e comunitária.

Primeiramente, há que se preparar o adolescente para a realidade, local ou não. Local ou não, pois o espírito comunitário independe da questão física, conforme salientado por Paiva: “Para o comunitário, a ligação não é a cadeia que o aprisiona e que limita sua liberdade, mas, ao contrário, o fio que o liga aos outros e o sustenta.” (PAIVA, 2004, p.64).

Sendo a catequese o espaço de aprendizado dentro da Igreja, ela também é chamada à realidade quando em seu principal documento é colocada como potencializador da necessidade de se viver em comunhão com os demais e serviço à comunidade. No entanto, a mesma não deve apenas ser vista com um espaço de aprendizado sobre a Igreja, mas também da Igreja para o mundo, em uma relação de solidariedade. A primeira instância de uma catequese comunicativa e comunitária se refere a sua capacidade de construir uma comunicação entre o mundo religioso e o mundo do cotidiano, pelo qual a maioria dos adolescentes traz suas experiências de vida, nas mais diversas mediações socioculturais.

Esta questão que alude à cultura está relacionada ao que Baccega (2005) afirma como a produção de conhecimento para além de um processo relacional, mas de uma recepção interpretada a partir de um dado cultural. Sobre isso, também o documento 101 – que trata da comunicação na Igreja Católica brasileira – da CNBB traz uma pista interessante e que pode ser um referencial ao catequista comunicador, a qual serve também para o âmbito que buscamos trabalhar. Diz o documento:

(...) é impensável fazer catequese renunciando a um discernimento atento tanto do perfil sociopsicológico dos destinatários (...) assim como do contexto cultural em que estão inseridos(...). Isso significa a necessidade de estar atento ao cotidiano, à história pessoal de cada interlocutor, incluindo suas experiências com a mídia. (CNBB, 2011, p.46).

Esta primeira instância deveria balizar todas as práticas catequéticas e de contato com o adolescente. Desde seu universo individual até a compreensão do âmbito público, onde este indivíduo se torna membro de uma sociedade e que ele pensa e age sobre ela, ainda que de forma não organizada, visto que “o pensar não acaba no pensamento, mas se dá em torno de

um objeto que mediatiza a extensão de um primeiro pensante a um segundo pensante” (FREIRE e GUIMARÃES, 1984, p.132).

Se a dimensão da comunicação entre o mundo e a religiosidade é uma base, a Igreja necessita se preparar e contribuir na formação de seus catequistas. Conforme dito na entrevista com a coordenadora de catequese, é importante que todo o trabalho de catequese seja amparado por uma assessoria. Faz-se necessário, então, que este ambiente esteja apto para abarcar as novas tecnologias em comunicação no trabalho catequético. Assim, torna-se cada vez mais necessária a utilização dos meios de comunicação na formação intelectual da pessoa, de modo especial a internet. Gadotti (2000) interpretou algumas necessidades ainda vigentes no campo da educação e que justificam a afirmação desta urgência:

Ainda trabalha-se muito com recursos tradicionais que não têm apelo para as crianças e jovens. Os que defendem a informatização da educação sustentam que é preciso mudar profundamente os métodos de ensino para reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a *capacidade de pensar*, em vez de desenvolver a memória. Para ele, a função da escola será, cada vez mais, a de *ensinar a pensar* criticamente. Para isso é preciso dominar mais *metodologias* e *linguagens*, inclusive a linguagem eletrônica. (GADOTTI, 2000, p.79).

Embora o texto seja do ano 2000, para a realidade da catequese ele ainda é atual, percebendo que a catequese não é só um campo de evangelização, mas também de educação e trocas do saber. Não é necessário deixar o livro e a Bíblia como instrumentos de ensino e evangelização. Especialmente a Bíblia se constitui como fonte da “verdade”, ratificada em todos os documentos pesquisados da ICAR e a catequese perderia sua identidade abandonando-a. No entanto, é fundamental que o catequista e a paróquia tenham a exata dimensão de que as novas mídias precisam ser contempladas no processo de aprendizado. Inclusive as escolas de ensino regular têm começado implantar massivamente *tablets*, *Iphones* e *wi-fi* nas salas de aula.

Durante o exposto, diversos autores citaram o uso das tecnologias como aperfeiçoamento da participação e, conseqüentemente, do entendimento sobre cidadania. Fantin (2006) diz que “educar para as mídias é condição de educação para a cidadania” e esta educação contempla um uso constante da mídia na catequese, seja para que compreender melhor as possibilidades do seu uso, seja para utilizar jornais ou programas de televisão para acudir a uma realidade em que os adolescentes se deparam no cotidiano.

Compreendendo que há uma dificuldade financeira, evidencia-se também que os adolescentes têm celulares em suas mãos como uma extensão de si mesmos, parafraseando

Marshall McLuhan (1964). Necessário também que a paróquia deveria refletir sobre a destinação de seus recursos financeiros na construção de “centros de comunicação”, que poderiam alocar computadores, estúdios de rádio comunitária e telões para transmissão de filmes, musicais, etc. As novas formas de comunicação e educação ainda estão caminhando a este rumo e cabe a Igreja se inserir neste universo.

Outra dimensão a ser buscada pela catequese comunitária é a da identidade. O grupo focal e o acompanhamento das aulas de catequese mostraram que o jovem se entende melhor com jovem. Em momentos quando algum catequizando iria expor algo feito, a atenção dos outros era maior do que quando a voz estava com a catequista. Sendo assim, se há outro do seu par na situação de fala, como educador ou não, mais possivelmente será atrativo o conteúdo. Não se quer subestimar a capacidade pessoal que determinado catequista pode ter frente a uma turma, mas a pesquisa mostrou que o catequizando tende a querer um educador próximo a sua faixa etária. No entanto, para os mais novos, que variam entre os 8 e 10 anos a catequese poderia aproveitar melhor seu “corpo docente” mais velho, visto que a figura maternal se mostrou mais presente na vida das crianças catequizandas, seja com uma forma carinhosa de se relacionar com o catequista, seja nas imaturidades recorrentes da idade.

Quanto ao desenvolvimento das aulas de catequese, pode-se tirar proveito pelo fato de ser um espaço de aprendizado e que não está rígido por conta da grade escolar, da base curricular e avaliações. Assim sendo, é fundamental que a catequese permita o adolescente falar, produzir e reagir frente ao mundo. E não é um paradoxo, a catequese tem como papel ensinar através da vida – como enfatizou o próprio João Paulo II na questão da personalidade – tornando mais prático os ensinamentos transcendentais.

É também importante que o cotidiano catequético se permita sair da sala de aula. O modelo “professor/quadro de giz/cadeiras para os alunos” não surpreende o catequizando. A catequese precisa se permitir sair do templo e entrar nos bairros, nas ruas e nas casas, aproveitando que a Igreja paroquial ainda está vinculada à questão territorial (quem frequenta normalmente mora perto da igreja, segundo as informações da coordenação catequética da referida paróquia). Quando se vivifica, trazem-se objetos para serem tocados, o adolescente pode conectar tal conteúdo a sua realidade.

Na relação que a mídia educação traz na concepção de educação *para, com e através* dos meios compreende-se: 1) *para* as mídias no sentido de preparar o adolescente para o mundo, sendo a mídia porta-voz dos mais variados discursos na sociedade. É importante que o

adolescente tenha uma consciência crítica acerca do que lê e ouve e a catequese pode ser um espaço de conscientização, dentro de seus limites doutrinários; 2) *com* as mídias no sentido de se aproveitar, mediante uma conscientização, que as mídias trazem conteúdos que podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem; 3) e *através* das mídias sendo que é desejável a preparação do catequista em motivar junto aos adolescentes a montagem de mídias (como entrevistas, histórias em quadrinhos e vídeos) de acordo com o tema que estão trabalhando, motivando o processo produtivo a reflexão sobre os temas em questão.

Quando expressado, sobretudo, a necessidade de que a catequese possa sair das quatro paredes e tomar as ruas, recebendo um aporte em sala sobre a realidade – aqui as mídias contribuem bem – tem-se uma catequese que se acerca ao espírito comunitário. No entanto, o comunitarismo, se assim se pode dizer, não se refere apenas a um espaço físico, como foi pontuado neste trabalho, mas sim a um espírito que paira sobre os iguais, identificando-os com alguma causa.

A comunidade deve ser entendida como uma possibilidade que se realiza como decorrência da dinâmica social estabelecida por um conjunto de indivíduos que se reconhecem como construtores de um sentimento coletivo de pertencimento no interior de um grupo social (...). Ao reconhecer e assumir o seu pertencimento, os indivíduos de um mesmo grupo social proporcionam as condições para a realização de ações organizadas de caráter cooperativo e possibilitam o desenvolvimento de valores comuns e individuais, emergindo uma ‘consciência de reciprocidade’ que retroalimenta a busca pela realização do sujeito, em uma palavra, a sua humanização. (MIANI, 2006, p.5).

No caso dos catequizandos e catequistas é fundamental observar a sua realidade, analisar através das leituras preponderantes da Igreja Católica, como a Bíblia, somada às mídias, e buscar o engajamento. Embora o trabalho com crianças e adolescentes se mostre passageiro demais pelo desenvolvimento rápido do público-alvo, encontrar no adolescente seus gostos e desafios, canalizando isto para o espírito comunitário e catequético faz da catequese um possível espaço de engajamento e organização juvenil.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Comunicação/Educação: um campo em ação. In: FIDALGO, A.; SERRA, P.(Org.). **Campos da comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005. v. 4. p. 383-395.

CNBB. **Documento 101**: A comunicação na vida e missão da Igreja do Brasil. São Paulo: Paulus, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto. **Inter Mirifica**, 1963.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n. 2, p. 3-11, abr./jun. 2000.

GOMES, P. G. Contribuições do cristianismo para as ideias comunicacionais da América Latina. In GOBBI, M. C; KUNSCH, W. L.; MELO, J. M. **Marxismo e cristianismo**. São Bernardo do Campo: UMESP - Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2002.

GUARESCHI, P.; BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis: Vozes, 2005.

FANTIN, M. **Mídia-educação**: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREIRE, P. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos**. Lisboa: Edições Base, 1978.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre educação (Diálogos)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JOÃO PAULO II. Catequese Hoje. **Exortação Apostólica “Catechesi Tradendae de João Paulo II”**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDITISCH, E. A filosofia marxista-cristã de Paulo Freire no estudo da mídia. In: GOBBI, M. C; KUNSCH, W. L.; MELO, J. M. **Marxismo e Cristianismo**. São Bernardo do Campo: UMESP - Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2002.

MELO, J. M. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MIANI, R. **Comunicação comunitária**: uma alternativa política ao monopólio midiático. ENCONTRO DA UNIÃO LATINOAMERICANA DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA, 1., 2006. **Anais...** Niterói: IACS/ UFF, 2006. p. 1-10.

PAIVA, R. Estratégias de comunicação e comunidade gerativa. In PERUZZO, C. (Org). **Vozes cidadãs**: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical da América Latina. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

PAIVA, R. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, R. **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PAPA, Pio XII. Encíclica. **Miranda Prorsus**, 1957.

PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. In DUARTE, J; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOARES, I. **Do santo ofício à libertação**. São Paulo: Paulinas, 1988.

Recebido em: 24/07/2015

Aceito em: 11/09/2015

Publicado em: 31/12/2016